 ISBN: 978-85-87942-61-6

# GT 039. Feiras, mercados, capitais e potencialidades

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) - Coordenador/a, Lídia Maria Pires Soares Cardel (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a o objetivo deste GT ? refletir sobre os processos produtivos, as din?micas interativas, as unidades familiares de produ??o da agricultura rural e urbana, bem como as especificidades de seus locais de mercado. Compreendemos que os procedimentos de produ??o, consumo e distribui??o de alimentos dialogam com os aspectos da vida cotidiana voltados para os h?bitos alimentares, para o saber/fazer na transforma??o dos alimentos, como tamb?m, para as diversas formas de trabalho humano na rela??o com a terra, com o bioma e com os bens da natureza. Neste sentido, entendemos que as estruturas conceituais que separavam as sociabilidades urbanas e rurais devem ser revistas para que novos constructos anal?ticos possam emergir. Em suma, esperamos estabelecer um di?logo objetivo e subjetivo que permeie os v?rios processos produtivos, de circula??o e de consumo de bens e processos gerados pelo modo de produ??o familiar. Pretendemos, igualmente, agregar estudos que pensem novas op?es e ferramentas te?rico-metodol?gicas para refletir acerca das feiras como lugares de mercados variados em que muitos capitais circulam (econ?mico, cultural, pol?tico, de conhecimento e outros) e nos quais muitas din?micas se processam simultaneamente, fazendo deste um espa?o repleto de significados e potencialidades.

## Feiras livres: guardiãs de práticas de manejo da terra que desafiam os propósitos hegemônicos neoliberais

**Autoria:** Osmar Lúcio Custódio, Osmar Lúcio Custódio Janine Helfst Leicht Collaço

As Feiras Livres são, em sua maioria, estruturas urbanas destinadas à distribuição de alimentos produzidos no meio rural mediante um sistema produtivo denominado hortifrutigranjeiro. Em Goiânia, segundo relatos de antigos feirantes e consumidores, várias delas já funcionavam desde meados da década de 1940, a exemplo das feiras dos bairros pioneiros da capital. Razoavelmente, no decorrer dos anos, fruto da dinâmica urbana, houve um substancial aumento de seu número na cidade, ainda, a inclusão de outros segmentos de produtos, além dos alimentícios, e de novos horários de funcionamento. Neste artigo analisamos o comportamento das Feiras Livres da cidade de Goiânia, sob duas perspectivas. Pela primeira, analisamos bancas que comercializam produtos cujas práticas de manejo da terra ocorre de forma independente, ou seja, dissociadas da aglutinação que deu origem ao termo hortifrutigranjeiro. Desta forma, as bancas foram observadas distintamente, ou seja, aquelas que são organizadas conforme um layout semelhante aos dos supermercados e aqueles cujos produtos são dispostos aleatoriamente. Tal escolha decorreu de relatos de antigos feirantes que atribuíram como marco para as novas disposições o final da década de 1970, a partir da necessidade de competirem com o novo modelo de distribuição de alimentos implantado naquela ocasião. Defendemos que, ao aglutinar as três práticas históricas de manejo, a produção de alimentos ganhou, propositalmente, uma conotação industrial, pela qual as categorias tempo e espaço ganharam outra relevância frente ao modelo tradicional; ainda, que houve a sobreposição da capacidade tecnológica e de capital, frente às práticas da ?agricultura familiar?. Em uma segunda perspectiva, nossas pesquisas em campo propiciaram identificar antigos feirantes que são também produtores rurais, além de produtores urbanos. Por elas, foram identificadas práticas de manejo tradicionais, além de produtos que já não fazem parte da cadeia de produção de alimentos para a cidade. Ainda, a possibilidade de compararmos a oferta de alimentos oferecidos a partir de mecanismos de mercados e a oferta e procura de alimentos bons, especialmente por outsiders, vindo à tona as maneiras pelas quais se entremeiam as formas de representação entre o campo e a cidade. Conclusivamente, nossas pesquisas nos propiciaram um

 ISBN: 978-85-87942-61-6

mapeamento preliminar de sistemas alimentares e suas formas de representação, segundo as lógicas presentes na produção do conhecimento, associados a um eixo cultural e amparados pelo eixo teórico das pesquisas da Antropologia em ?soberania alimentar?. Também, possibilitaram a verificação da importância dada pela produção de alimentos via ?agricultura familiar? e suas temporalidades, as quais deixadas de lado a partir do modelo agroindustrial.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

# Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

**Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA**
**Diretoria da ABA 2017/2018**
**Comissão Organizadora da 31ª RBA**

**Realização:** **Apoio:** **Organização:**